

■ Nova metodologia, mais crescimento

A reviravolta nas contas nacionais vai dar ao setor de serviços uma volatilidade que deverá contar a favor do crescimento em 2006. Em anos de crise, por outro lado, o PIB mostrará um recuo maior do que o normal, com mais dinamismo do que está acostumado a expor. O setor de administração pública – responsável pela significativa fatia de 16% do PIB – e o mercado financeiro vão empurrar o PIB para cima, de acordo com analistas.

– Não sabemos qual será exatamente o impacto final, porque as mudanças são muitas, mas a tendência é de um PIB novo maior, por causa do fim da inércia da administração pública e do setor financeiro, que vai incorporar o aumento do crédito – aposta o

economista Luiz Roberto Cunha, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Com mais da metade do PIB, o setor de serviços cresceu 2,4% no ano passado, taxa mais acelerada que a do ano anterior (2%). A administração pública cresceu 2,1%, ainda sob o método que considera o crescimento da população como base de cálculo. O aumento vegetativo será substituído por dados da população ocupada, que vem em ritmo bem mais acelerado que o dado populacional.

A analista da Tendências Consultoria, Marcela Prada, também avalia que os dois segmentos são os principais alvos da mudança metodológica. E espera que vão crescer mais.

O IBGE vai substituir a taxa do PIB por uma espécie de cesta de indicadores compostos pela evolução de títulos e spread bancário, que também têm crescido em ritmo mais acelerado do que o PIB, segundo os analistas.

– Até agora, se a economia vai bem, o setor financeiro vai bem. Se a economia vai mal, o setor vai mal. Vai mudar tudo – prevê Merida Herasme, economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

– Essas mudanças vão render anos de polêmica, mas são mais que necessárias – observa Cunha, da PUC. Para evitar distorções, o IBGE divulgará juntamente com o PIB novo uma série retroativa a 2000, com as alterações que elaborou desde então. (S.L.)